

A EUGENIA E SUA RELAÇÃO SOCIOCULTURAL COM O RACISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Guaricema da Conceição Santos ¹

Ana Caroline Silva Costa ²

Isabela Correia Santos Rosa ³

RESUMO

O termo eugenio foi fundamentado pelo então primo de Charles Darwin, Francis Galton, em 1883, o qual se baseou na Teoria da Seleção Natural para fomentar uma ciência que forneceria as bases teóricas para um suposto melhoramento biológico do ser humano, por meio da expressão de determinadas características físicas. No Brasil, a eugenio foi abordada por meio de diversas conferências, eventos e atividades, que buscavam enaltecer o processo de embranquecimento da população brasileira. Nesse movimento, a ciência é usada para justificar a superioridade racial de grupos brancos e a exclusão de pessoas “não brancas”. Nesse ínterim, o trabalho teve como objetivo descrever o desenvolvimento de um minicurso sobre eugenio e sua relação sociocultural com o racismo, destacando os efeitos na participação e compreensão dos participantes. A experiência aconteceu em março de 2025, com estudantes do ensino médio, de uma escola pública, localizada no município de São Cristóvão-SE, no contexto de um evento de extensão, promovido pelo Departamento de Biologia, da Universidade Federal de Sergipe. O minicurso problematizou conceitos de seleção natural, eugenio, racismo e embranquecimento, articulando tais temas ao contexto histórico e social brasileiro, bem como à realidade dos estudantes. Para tanto, foram utilizadas atividades que possibilitassem o engajamento dos discentes em relação ao tema discutido. Destas, destacam-se a árvore dos problemas, a construção do quadro denominado *Que Bom; Que Pena e Que Tal!*, além de discussões e da participação dos estudantes através de relatos de vivências pessoais. A partir disso, pôde-se observar a colaboração efetiva dos discentes no desenvolvimento do minicurso e na realização das atividades propostas. Os estudantes se mostraram engajados e estimulados a dialogarem e compartilhar suas concepções sobre o tema abordado. Conclui-se que o minicurso foi significativo na abordagem das relações étnico-raciais, bem como na construção do conhecimento e formação crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Eugenia, Racismo, Discriminação racial, relato de experiência.

¹ Graduada pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe - UFS, guaricemagcs@hotmail.com.

² Mestranda pelo Curso de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Federal de Sergipe- UFS, ana.crolinesc@gmail.com.

³ Docente do Curso de Biologia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, isabelarosa@academico.ufs.br.

A educação é um âmbito importante para a promoção da equidade social e do respeito ao multiculturalismo. No Brasil, as políticas educacionais exercem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da diversidade cultural que compõe o país. Nesse sentido, a Lei 11.645/2008 simboliza um marco considerável, ao determinar a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as instituições de ensino de educação básica (Valença *et al.*, 2024).

A observação desta lei contempla a educação para as relações étnico raciais em todos os componentes pedagógicos, tal como na Biologia. Englobando o currículo escolar da educação básica, desde a década de 1970, a disciplina de Biologia tem potencial para fomentar uma educação antirracista, comprometida com a equidade e a justiça social (Lopes Neto; Selles; Valiente, 2022). Entre os vários temas possíveis de articular conteúdos desta área do conhecimento com uma educação das relações étnico-raciais, destacamos as discussões sobre seleção natural, eugenio, racismo e embranquecimento, articulando tais temas ao contexto histórico e social brasileiro, bem como à realidade contemporânea dos estudantes.

O termo eugenio é proveniente do inglês *eugenics*, oriundo do grego eugénés, que possui o significado “bem nascido”. Etimologicamente, o termo eugenismo ou eugenio caracteriza-se como a ciência dos bons nascimentos; fomentada na Biologia e na Matemática, possuía como preceito identificar os “melhores” componentes; impulsionar a sua reprodução e coibir a multiplicação dos considerados “degenerados” (Góes, 2015).

A eugenio desencadeou a constituição de diferentes movimentos ideológicos pelo mundo, a exemplo das esterilizações em massa e controles de imigração, o nazismo e a discriminação de pessoas com aspectos considerados inaceitáveis e degeneradas em relação aos grupos dominantes (Schneider; Carvalho; Corazza, 2017). Sousa Junior (2022) explica que a eugenio interligou-se com diferentes campos, como a educação, assistência, saúde pública, saneamento, antropologia física, migrações, antropologia criminal, direito, genética e diversas áreas da medicina. Segundo o autor, a eugenio no Brasil foi abordada por meio de ações e atividades, como estudos variados, conferências públicas, periódicos, literatura especializada, eventos e congressos variados, sociedades, ligas e concursos eugênicos.

Apesar da eugenio não ter prezado fronteiras geográficas e ideológicas, ela é filha do pensamento liberal e, por conseguinte, do projeto da modernidade. O pensamento social

europeu e suas teorias racialistas inseriram no cenário nacional a questão racial, o problema da mestiçagem, da eugenia e do racismo (Santana, Santos, 2016).

Munanga (2004) define que por motivos lógicos e ideológicos, o racismo é discutido a partir da raça, dentro da extrema diversidade das possíveis relações existentes entre as duas concepções. Ainda segundo o autor, baseado nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo representaria uma ideologia essencialista, que resulta na fragmentação da humanidade em grupos denominados de raças que possuem aspectos físicos hereditários comuns, sendo estes últimos, alicerces de características psicológicas, intelectuais, morais e estéticas e que se amparam num nível de valores desiguais.

Nesse ínterim, o trabalho teve como objetivo descrever o desenvolvimento de um minicurso sobre eugenia e sua relação sociocultural com o racismo, destacando os efeitos na participação e compreensão dos participantes.

METODOLOGIA

Levando em consideração os objetivos propostos, essa pesquisa classifica-se em qualitativa. Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa atende a questões muito específicas. Ela se integra, nas Ciências Sociais, com um grau de realidade que poderia ser quantificado. Desse modo, ela atua com o universo de conceitos, das motivações, dos anseios, dos valores, das crenças e dos comportamentos. Esse conjunto de aspectos humanos é compreendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se difere não só por atuar, mas por pensar sobre o que exerce e por esclarecer suas práticas dentro e a partir da realidade vivenciada e compartilhada com os seus similares. Portanto, a pesquisa buscou dialogar com os estudantes sobre a relação entre a eugenia e o racismo no processo de construção sociocultural dos sujeitos.

Em relação ao tipo de pesquisa, ela classifica-se como descritiva. Esse tipo de pesquisa tem como propósito principal a descrição dos aspectos de determinada população ou fenômeno (Gil, 2002). Os trabalhos descritivos requerem do pesquisador uma sucessão de informações sobre o que pretende investigar (Triviños, 1987). Nesse sentido, procuramos identificar as concepções dos estudantes em relação aos conteúdos abordados durante a realização da intervenção pedagógica.

Essa pesquisa também se caracteriza como pesquisa de campo, desenvolvida no contexto de um evento de extensão intitulado “2º Bioexplora: um universo de culturas”, que ocorreu em março de 2025. Esse evento foi realizado no Departamento de Biologia, localizado na Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão. Essa intervenção



pedagógica contou com a participação de estudantes da 2^a série do Ensino Médio de turmas diferenciadas do Colégio Estadual Arnaldo Guarani, localizado no município de São Cristóvão-SE.

O presente trabalho, utilizou uma metodologia expositiva dialogada, com a aplicação de intervenções, visando um mergulho em temas como eugenio, racismo, preconceito e discriminação racial. As atividades foram planejadas de forma a promover o pensamento reflexivo e o protagonismo discente, por meio de debates, análises de textos e produção de material educativo. Buscou-se, ainda, estimular a identificação e o enfrentamento de práticas discriminatórias, valorizando a diversidade étnico-racial presente na sociedade.

A intervenção pedagógica ocorreu em duas horas. Primeiramente, fizemos uma apresentação junto aos estudantes, para conhecê-los melhor e apresentar as etapas da intervenção pedagógica. Em seguida, realizamos uma exposição dialogada sobre a origem da eugenio e suas consequências no contexto social, principalmente aqui no Brasil. Depois foi dialogado com os estudantes sobre o racismo, a diferença entre racismo e injúria racial além de apresentar casos reais como forma de problematizar os temas abordados.

Ao finalizar a exposição dialogada, os estudantes foram estimulados a construir uma Árvore dos Problemas, na qual os discentes tiveram que atribuir um tema central no caule; na raiz, eles depositaram, por meio dos *post-its*, as causas do problema e nas folhas, as consequências que esse problema acarreta para a sociedade. Em seguida, realizamos algumas perguntas com a finalidade de identificar se os estudantes sabiam a diferença entre racismo e injúria racial. Posteriormente, utilizamos o quadro *Que Bom; Que Pena e Que tal?*, no qual os estudantes foram orientados a colocar *post-its* de cores diferentes para atribuir aspectos positivos no espaço do *Que Bom*; apontar elementos negativos no *Que Pena* e propor soluções que transformassem esse cenário e fizessem com que os discentes refletissem sobre os conteúdos trabalhados na intervenção, no espaço destinado ao *Que tal?*.

O RELATO DA EXPERIÊNCIA

Inicialmente, abordamos as definições e implicações da eugenio e a relação com o racismo presente na sociedades e como se construiu ao longo do tempo, desde a criação da teoria da seleção natural aos tempos atuais.

Após a abordagem inicial, propomos aos alunos um debate para salientar a importância do conhecimento da eugenio e do racismo e sua relação com o contexto social na atualidade, e assim, eles poderem compartilhar seus conhecimentos prévios sobre os temas abordados e falar sobre situações vivenciadas ou presenciadas por eles. Esse diálogo



Em seguida a essa breve introdução da temática, realizamos algumas intervenções, com o objetivo de concretizarmos na prática o que foi exposto e debatido. A dinâmica inicial, intitulada como Árvore dos problemas, objetivou trabalharmos as causas, efeitos e consequências fomentadas pelo racismo ao longo do tempo, reverberando nos dias atuais. Para essa dinâmica, utilizamos um cartaz e post-its de cores diferentes. O cartaz apresentava o desenhado de uma árvore, na qual a raiz serviu para representarmos as causas, o caule representou os problemas ocasionados e as folhas seriam as consequências originadas pelo racismo. Distribuímos dois *post-its* diferentes para cada aluno, sendo um deles em formato de folha. Em seguida, solicitamos que escrevessem em um dos *post-its* uma causa e, no *post-it* em formato de folha, uma consequência.

A próxima proposta de intervenção visa o reconhecimento e a diferenciação entre preconceito, discriminação e racismo. Para tanto, indagamos os alunos se eles conseguiam conhecer com clareza qual a diferenças entre esses três conceitos e, no coletivo, construímos uma definição. A segunda atividade consistiu na utilização de reportagens de casos recentes e reais, ocorridos em nossa sociedade, para que assim os estudantes conseguissem classificá-las em discriminação racial ou racismo. Essa atividade nos possibilitou associarmos a teoria com o que ocorre ao nosso redor, desmistificando a ideia que não mais existe situações de discriminação e racismo na atualidade.

Para finalizar essa sequência de ações, propomos uma atividade que consistiu na construção do quadro “*Que Bom, Que Pena e Que Tal?*” Para tanto, desenvolvemos, em conjunto, três cartazes, que refletiam sobre os diversos aspectos em relação à educação antirracista. Novamente foram distribuídos *post-its* de três cores diferentes, para que os estudantes escrevessem palavras ou frases de acordo com o objetivo de cada painel. O primeiro cartaz teve como principal foco o que de bom essa educação antirracista pode proporcionar; o segundo, infere sobre os aspectos negativos, as dificuldades ou as coisas a serem melhoradas em relação às ações presentes numa sociedade racista; e, o último painel foi dedicado a possíveis soluções sugeridas por esses estudantes no combate aos estereótipos enraizados sobre o racismo na sociedade e como eles podem, beneficamente, contribuir para uma relação social antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O desenvolvimento dessa intervenção pedagógica permitiu constatarmos um elevado nível de engajamento por parte dos discentes, nas dinâmicas desenvolvidas, sob a perspectiva da educação antirracista. Tal abordagem favoreceu a ampliação das práticas discursivas no ambiente escolar, promovendo debates significativos e contribuindo para a construção coletiva do conhecimento.

No momento de debate, notamos que os discentes se mostraram atentos e curiosos diante do que estava sendo exposto, com participação ativa e questionadora, o que muito favoreceu para uma melhor dinâmica durante a explanação. Segundo Krasilchik (2013), o debate é um processo educativo que reconhecer o aluno como protagonista da aprendizagem, proporcionando-lhe liberdade para se expressar e manifestar suas opiniões, mesmo quando não concordam com o professor. A autora enfatiza que o ensino precisa criar oportunidades para o diálogo e a reflexão, valorizando o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Além disso, defende que a aprendizagem deve ir além da simples memorização de conteúdos, favorecendo um estudo mais profundo e significativo, baseado na liberdade e na participação ativa do estudante.

Figura 1- Apresentação do minicurso aos estudantes



Fonte: As autoras, 2025.

O mesmo não foi diferente durante a aplicação das intervenções, fica claro o total envolvimento dos discentes diante dos objetivos propostos em cada atividade realizada. Todos conseguiram, de forma clara e coerente, responder ao que se pedia.

Na primeira proposta didática, A árvore dos problemas, quando questionados sobre quais seriam as causas, efeitos e consequências do racismo, as respostas obtidas foram coerentes com o que foi solicitado. Muitos escreveram como causa:

“Colonização”

“Superioridade entre raças”

“A cor da pele ser tratada como algo sujo”

“Desigualdades social”



“Escravidão”

Como consequência:

“*Exclusão social*”

“*Desvalorização pel cor da pele*”

“*Desigualdade econômica*”

“*Ocasiona um pensamento de que os negros são inferiores*”

“*Crescimento das periferias*”

Figura 2- Construção da Árvore dos problemas.



Fonte: As autoras, 2025.

Durante a realização da atividade, voltada ao reconhecimento e à diferenciação entre racismo e injúria racial, observou-se não apenas o significativo engajamento dos alunos, mas também a relevância de alguns relatos por eles compartilhados, os quais envolviam experiências pessoais vivenciadas ou presenciadas.

Em um dos depoimentos, um aluno relatou uma situação ocorrida no ambiente escolar com colegas de classe. Segundo ele, havia na turma duas irmãs gêmeas, ambas com cabelos crespos, que eram constantemente alvo de xingamentos e brincadeiras depreciativas relacionadas à textura capilar. Ao tomar conhecimento dos episódios, a mãe das alunas optou por alisar o cabelo das filhas, em vez de adotar uma postura mais crítica e consciente diante da violência sofrida por elas. Esse relato evidencia como o racismo estrutural atua de maneira silenciosa e contínua, e busca adaptações aos padrões normativos impostos pela sociedade, o que contribui para a manutenção da desigualdade e invisibilidade da diversidade étnico - racial.





Além dos relatos compartilhados pelos alunos, apresentamos e discutimos casos amplamente divulgados pela mídia, envolvendo episódios de racismo, preconceito e intolerância religiosa, com o objetivo de que os estudantes os analisassem e os classificassem a partir dos conceitos trabalhados em sala. Entre os exemplos abordados, destacamos o caso do jogador Vinícius Júnior, do Real Madrid, vítima recorrente de ataques racistas em estádios europeus, e o episódio de destruição de um terreiro de candomblé, representando a violência contra as religiões de matriz africana. Essas situações permitiram ampliar o repertório dos alunos, promovendo reflexões críticas sobre as diversas formas de discriminação presentes na sociedade contemporânea.

A utilização de recursos pedagógicos, como as notícias, de acordo com Grüber (2012), constitui uma prática pedagógica de elevado valor formativo, por proporcionar aos estudantes a oportunidade de acesso a diferentes fontes de informação e de ampliação de sua capacidade analítica e reflexiva. Tal abordagem favorece a construção autônoma do conhecimento, à medida que os discentes passam a reconhecer que os conteúdos didáticos trabalhados no ambiente escolar, de modo explícito ou implícito, manifestam-se nas diversas dimensões da vida social e contribuem significativamente para o desenvolvimento intelectual e para o progresso da sociedade.

Figura 3- Apresentação da ministrante sobre o conteúdo trabalhado.



Fonte: As autoras, 2025.

Como parte final das intervenções pedagógicas, realizamos a última atividade, intitulada “*Que bom, que pena e que tal?*”, na qual os alunos foram convidados a refletir sobre a educação antirracista. A proposta consistia em identificar os aspectos positivos dessa abordagem, os desafios ou limitações percebidas e sugestões para aprimoramento. Ao serem questionados sobre o que a educação antirracista proporciona de positivo, quais aspectos ainda representam dificuldades e o que poderia ser melhorado, obtivemos respostas





significativas, que revelam o olhar crítico e reflexivo desenvolvido pelos estudantes ao longo do processo. Algumas respostas obtidas foram:

“Que bom que nos deu uma visão mais ampla sobre o assunto”

“As educadoras souberam falar sobre o tema de uma forma que não fosse chata, além de darem a experiência pessoal delas”

“Relembrei de temas que apesar de já ter estudado, é bom trabalhar esse assunto para ganhar novas perspectivas”

“Que pena que as pessoas se achem melhores que as outras somente pela etnia e cultura serem diferentes, e isso gera desigualdade social e econômica”

“Acho ruim o fato de que o racismo e a injúria racial nos divide como brasileiros”

“Que pena que ainda existe racismo”

“Que pena que caso envolvendo racismo ainda acontecam hoje em dia, dificultando a vida de parte da população sem nenhuma finalidade”

“O tema abordado é interessante ser mais abordado nas instituições como a escola”

“Que o assunto seja mais espalhado para todo mundo”

“Fazer aulas sobre como evitar o racismo e ensinar as pessoas a respeitarem os outros”

“Trazer esses temas de forma prática nas escolas por meio de converções e feiras”

Figura 4- Construção do painel: Que Bom!; Que Pena; Que Tal?



Fonte: As autoras, 2025.

Dessa forma, as atividades propostas ao longo do processo pedagógico contribuíram de maneira significativa para a construção de uma consciência crítica nos alunos, em relação às diversas formas de discriminação, presentes no cotidiano escolar e social. A partir de discussões, relatos pessoais e análises de casos reais, foi possível promover reflexões



profundas sobre o racismo estrutural, a valorização das identidades negras e a importância do respeito à diversidade étnico-racial e religiosa.

A culminância do trabalho, com a escuta ativa dos estudantes, revelou não apenas avanços no entendimento sobre a temática, mas também o reconhecimento da escola como um espaço fundamental para a promoção da educação antirracista. Encerra-se, portanto, essa intervenção com a certeza de que o combate ao racismo exige um compromisso contínuo, coletivo e intencional, que vá além das atividades pontuais e se consolide como prática permanente no cotidiano escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou argumentar sobre a compreensão crítica dos conceitos de seleção natural, eugenia, racismo e embranquecimento, estabelecendo articulações entre tais conceitos, o contexto histórico-social brasileiro e as experiências contemporâneas vivenciadas pelos estudantes. Nesse sentido, conduzimos a uma reflexão aprofundada acerca das implicações socioculturais desses temas, incentivando a construção de uma perspectiva crítica e contextualizada sobre as desigualdades históricas e suas repercussões na sociedade atual.

A experiência nos oportunizou vivenciar os desafios de tratar temas tão complexos e ainda presentes na nossa realidade. As discussões realizadas abordaram não apenas o contexto racial, mas também a construção da identidade negra em sua ampla diversidade, analisando como essa identidade é tratada em uma sociedade que privilegia um padrão hegemônico, reproduzindo estruturas de desigualdade e favorecimento histórico.

Assim, não podemos deixar de ressaltar as inúmeras contribuições de tratar temas como esses dentro do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A interação que abordagens como essa possibilita entre professores, alunos e o conhecimento é surpreendente, e, garante bons resultados em todas as áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, Weber Lopes. **Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro:** a proposta de povo em Renato Kehl. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/124368>. Acesso em: 3 ago. 2025.

GRÜBLER, Luiz Carlos. **A utilização do jornal como um importante recurso pedagógico nas escolas**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação) –

KRASILCHIK, Myriam. **Entrevista:** Myriam Krasilchik fala sobre o ensino de ciências e o papel do aluno na aprendizagem. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 18 out. 2025.

LOPES NETO, Jéssica; SELLES, Sandra Escovedo; VALIENTE, Carine. Ensino de biologia e racismo: representações de corpos negros em coleções didáticas de ciências da natureza e suas tecnologias. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, n. 2, p. 831-852, 2022. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/746>. Acesso em: Acesso em: 19 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES Romeu. (org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-30.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Cadernos PENESB**, n. 5, p. 15-34, 2004.

SANTANA, Nara Maria Carlos de; SANTOS, Ricardo Augusto. Projetos de modernidade: autoritarismo, eugenia e racismo no Brasil do século XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 58, p. 28-38, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2016000400003. Acesso em: 19 out. 2025.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; CARVALHO, Graça Simões; CORAZZA, Maria Júlia. Concepções de estudantes do ensino superior acerca da eugenia. In: ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências), 11., 2017, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis, SC, 2017. p. 1-11. Disponível em: <https://repositorium.uminho.pt/handle/1822/56938>. Acesso em: 3 ago. 2025.

SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de. Notas sobre a origem e primórdios da eugenia e sua relação com teorias e políticas raciais. In: SOUSA JUNIOR, Manuel Alves de; RANGEL, Tauã Lima Verdan (org.). **Relações étnico-raciais: Reflexões, temas de emergência e educação**. Itapiranga, SC: Schreiben, 2022. p. 66-76. Disponível em: https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_d22f0fca83ce4a42a2278aacd9c968ee.pdf#page=67. Acesso em: 3 ago. 2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENÇA, André Luiz Santos *et al.* Políticas educacionais e a implementação da Lei 11.645/2008: Impactos na educação Afro-Brasileira e Indígena. **LUMEN ET VIRTUS**, v. 15, n. 39, p. 1944-1954, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/170>. Acesso em: 19 out. 2025.